## CLÁSSICOS PARA TODOS

O HOMEM QUE CALCULAVA MALBA TAHAN



MATEMÁTICA e sentimento

Livro do brasileiro Júlio César de Melo e Sousa, mais conhecido como Malba Tahan, quase 70 anos depois, permite múltiplas leituras, de uma nova pedagogia a um olhar tolerante sobre a diferença

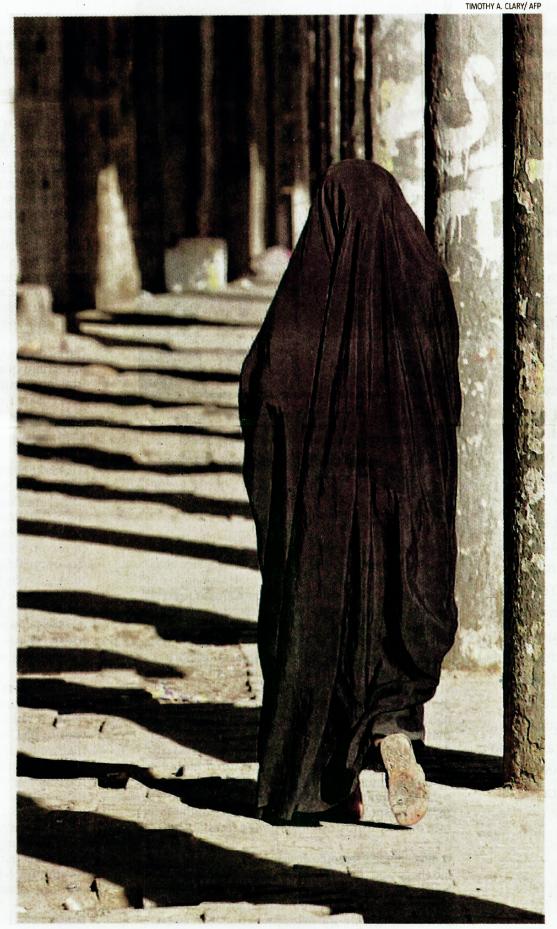
ACERVO EM - 14/2/41

## MARCELLO CASTILHO AVELLAR

Como boa parte dos estudantes, Júlio César de Melo e Sousa (1895-1974), quando menino, penou bastante nas aulas de matemática. Passou a viver, por causa disso, uma estranha contradição: afinal, adorava a disciplina. Seu problema era com a pedagogia arcaica das escolas no início do século 20. Quando se formou pela Escola Nacional de Engenharia e se tornou professor de matemática num dos mais célebres estabelecimentos de ensino do Brasil, o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, Melo e Sousa tomou como missão renovar a didática da matemática no país. Os alunos eram unânimes em concordar que as aulas de Melo e Sousa eram diferentes de c lquer coisa a que já haviam assistido na escola - mesmo quando preferiam dição e não gostavam da ruptura com etodos tradicionais que o professor punha. Para a sorte dos que não estu-uaram no Pedro II naquela "era de ouro", Júlio César de Melo e Sousa também era escritor. Sob o heterônimo de Malba Tahan, escrevia histórias fantasiosas sobre as coisas de que gostava – principalmente a cultura árabe. E no meio dessas histórias, frequentemente introduzia elementos de sua outra paixão, a matemática. O homem que calculava, publicado em 1939, foi o ponto mais alto dessa dupla paixão.

A aparência de autoria de O homem que calculava se organiza em camadas. O matemático e professor Júlio César de Melo e Sousa inventou Malba Tahan ("moleiro do oásis de Malba"), que teria nascido em 1885, na aldeia árabe de Muzalit, perto de Meca. Malba Tahan teria estudado no Cairo e em Constantinopla (atual Istambul), os dois mais importantes centros da cultura muçulmana nos tempos modernos. Já adulto, governou a cidade de El-Medina, viajou pela Ásia e teria acabado morrendo em 1927, lutando pela liberdade de um povo na Ásia Central. Como costuma ocorrer com os heterônimos, a vida grandiosa e aventureira de Malba Tahan seria completamente distinta do cotidiano prosaico de Melo e Sousa (que inventou, também, Breno Alencar Bianco, suposto tradutor e anotador dos livros). É do árabe a assinatura dos escritos do professor de matemática. No caso de O homem que calculava, a história vai além. Tahan elege como narrador o árabe Hank-Tade-Maiá, que nos conta a história de seu amigo, o "homem que calculava" do título: o matemático Beremiz Samir. Este, por sua vez, passa boa parte de seu tempo contando e ouvindo histórias, desde contos que realmente teriam ocorrido com seus narradores até fábulas de grande força moral.

A estrutura de conto dentro do conto não é nova. Malba Tahan a aprendeu na mais célebre coletânea da literatura árabe, As mil e uma noites, e na poesia clássica de diversos povos muçulmanos - além dos árabes, os persas, os afegãos e os seguidores de Maomé na Índia, por exemplo, frequentemente fizeram uso dela. E apenas uma das nuances do estilo de O homem que calculava que remetem à arte do Oriente Médio e arredores. O leitor encontra outros elementos, que vão da linguagem floreada aos tratamentos respeitosos, que evocam a cultura dos árabes e seus vizinhos. Não se trata de imitação, pelo menos em sentido estrito, mas de jogo: Malba Tahan não imita, brinca com o estilo dos versos e narrativas que aprecia. Se os árabes, por exemplo, constroem na literatura estruturas análogas aos arabescos de suas artes visuais, Malba Tahan faz arabescos de arabescos. Investiga, na poesia do Ocidente e de outras culturas, autores que guardam afinidade com



Com histórias ambientadas em Bagdá, *O homem que calculava* mescla duas paixões do autor: a cultura árabe e o gosto pelo ensino da matemática

## TRECHO

"- Vou provar-vos, ó Vizir, que a divisão das 8 moedas, pela forma por mim proposta, é matematicamente certa. Quando, durante a viagem, tínhamos fome, eu tirava um pão da caixa em que estavam guardados e repartia-o em três pedaços, comendo, cada um de nós, um desses pedaços. Se eu dei 5 pães, dei, é claro, 15 pedaços; se meu companheiro deu 3 pães, contribuiu com 9 pedaços. Houve, assim, um total de 24 pedaços, cabendo, portanto, 8 pedaços para cada um. Dos 15 pedaços que dei, comi 8; dei, na realidade, 7; o meu companheiro deu, como disse, 9 pedaços, e comeu, também, 8; logo, deu apenas 1. Os sete pedaços que eu dei e que o bagdali forneceu formaram os 8 que couberam ao xeque Salém Nasair. Logo, é justo que eu receba 7 moedas e o meu companheiro, apenas uma.

O grão-vizir, depois de fazer os maiores elogios ao Homem que Calculava, ordenou que lhe fossem entregues sete moedas, pois a mim me cabia, por direito, apenas uma. Era lógica, perfeita e irrespondível a demonstração apresentada pelo matemático.

– Esta divisão – retorquiu o calculista – de sete moedas para mim e uma para meu amigo, conforme provei, é matematicamente certa, mas não é perfeita aos olhos de Deus!

E tomando as moedas na mão dividiu-as em duas partes iguais. Deu-me uma dessas partes (4 moedas), guardando, para si, as quatro restantes."

o estilo árabe, e os introduz na narrativa, como se mencionados pelas personagens. Faz isso sem produzir a menor impressão de ruptura, como se todos os povos se encontrassem na poesia.

## SABOR POLÍTICO

Esse elemento, presente no modo de contar a história, expande-se para a palavra e dá a O homem que calculava um sabor político incomum para uma obra do gênero. Não é difícil compreendê-lo. O romance foi escrito no final dos anos 1930, quando o mundo caminhava para o abismo da Segunda Guerra Mundial. Em todo o planeta, sistemas políticos mais ou menos autoritários, dos fascismos às liberaldemocracias, lidavam com graus diversos de discriminação. Naquele momento de confronto e intolerância, Malba Tahan fala da unicidade do ser humano. Sintomaticamente, escolhe, como ambiente para sua história, o período de maior tolerância da civilização árabe. Personagens de origens étnicas diversas convivem amistosamente na Bagdá de O homem que calculava. Têm em comum a maneira como se deixam instigar pelo conhecimento e o debate, e o estado permanente de compaixão.

Os homens se igualam pela ciência e pela cultura, parece nos dizer o autor cada vez que seu Beremiz Samir aborda a história da matemática em suas origens gregas, árabes, indianas. Há algo de socrático na narfativa: apenas o homem que não conhece é capaz de agir de maneira errada. O conhecimento é o pai da virtude, da amizade, do amor, da tolerância, da compaixão, do bom governo, da paz. Mesmo se as religiões são diferentes umas das outras, todas trazem dentro de si alguma mensagem de respeito à vida e ao outro. Sete décadas depois, O homem que calculava é livro que deveria ser adotado em escolas de todo o mundo, não apenas pela maneira como representa a face tolerante das diversas culturas, principalmente as muçulmanas, mas principalmente por sua pedagogia da generosidade cultural.

Essa abordagem política se fundamenta em outra ainda mais preciosa. À primeira vista, O homem que calculava parece um livro de matemática recreativa. Como todas as obras do gênero, apresenta problemas de matemática e lógica sob a forma de narrativas de ficção ou anedotas, problemas que podem ser resolvidos pelos leitores com a mesma eficiência com que o herói Beremiz Samir os soluciona. A grandeza de Malba Tahan está no fato de que isso é mero pretexto, chamariz para o que interessa. O que temos diante de nós é romance autêntico, com direito a história de amor e tudo. Vamos acompanhar, aos poucos, a sutil paixão de Beremiz por sua aluna Telassim, a

quem nunca viu. Ao mesmo tempo, seguimos a fortuna e o azar dos coadjuvantes, de gente comum a aristocratas, no trato com questões cotidianas ou em pontos de guinada em suas vidas. Se todas essas peripécias produzem questões matemáticas, é porque os seres humanos precisam compreender o mundo ao redor, vivem criando ferramentas para essa compreensão, e a matemática, no ponto de vista de Malba Tahan, é a mais rica e eficiente destas ferramentas. O homem que calculava, mais que falar de matemática ou filosofia, trata do desejo de conhecer o mundo. O que importa a Malba Tahan é o ser humano, para quem e por quem todo o conhecimento foi criado.